

# A QUESTÃO DO DISCURSO

## THE QUESTION OF DISCOURSE

Mírian dos Santos\*

### RESUMO

No interior das ciências da linguagem várias disciplinas se destacam, tais como a Semântica, a Análise do Discurso, a Pragmática, a Semiótica. Todas elas elegem a linguagem como seu foco de análise; todas elas têm como objeto de estudo o sentido ou a significação na linguagem, mas se destacam por métodos, procedimentos e quadros metodológicos próprios. O objetivo deste artigo é apresentar os procedimentos mais comuns da análise de discurso de linha francesa ou “análise de discurso materialista”, que surgiu na França a partir dos estudos de Michel Pêcheux (1969) e se consolidou no Brasil com as pesquisas de Eni Orlandi.

**Palavras-chave:** Discurso; ideologia; formação discursiva; condições de produção.

### ABSTRACT

At the innermost of language sciences, a lot of topics are highlighted. They are: Semantics, Discourse Analysis, Pragmatics and Semiotics. All of them take language as their main object analysis; all of them focus sense and meaning in language as the object study but they get prominence by their own methods, procedures and methodological framework. This paper aims at examining the most common analysis procedures in French framework of discourse analysis or “materialist discourse analysis” which came up in France from the studies of Michel Pêcheux (1969) and which got its consolidation in Brazil with the studies of Eni Orlandi.

**Keywords:** Discourse; ideology; discursive formation; production context.

69

## 1. INTRODUÇÃO

Existem hoje uma quantidade e diversidade de enfoques adotados por aqueles que se interessam em fazer algum tipo de investigação que tenha como método

---

\* Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora titular de Linguagem Jurídica da Faculdade de Direito do Sul de Minas (FDSM). Professora do curso de Mestrado em Lingüística: Linguagem e Sociedade e do curso de graduação em Letras da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás)

a análise de discurso. Além disso, o próprio entendimento do que seja discurso varia muito entre diferentes correntes.

Essa pluralidade leva-nos a um ajuste conceitual, que implica uma delimitação do domínio de investigação. Dessa forma, centrar-nos-emos na chamada Análise do Discurso francesa, representada por uma corrente que integrou os estudos e as proposições teóricas de Michel Pêcheux.

A Análise do Discurso teve seu início nos anos de 1960, na França, como uma tentativa de oferecer às Ciências Humanas um método científico para suas pesquisas, já que a análise do conteúdo, até então exercida, não atendia às exigências de uma prática desta natureza. Maria Helena Nagamine Brandão<sup>1</sup>, sobre este ponto, esclarece-nos que:

Instituindo-se como um método de tratamento da informação, a análise de conteúdo concebia o texto na sua transparência, apenas enquanto projeção de uma realidade extradiscursiva, indiferente às articulações propriamente lingüísticas e textuais. A análise do discurso, ao contrário, nasceu com a preocupação de fazer uma análise textual voltada para o texto considerado na sua opacidade: para ela, a interpretação devia levar em conta o modo de funcionamento lingüístico e textual dos discursos, as diferentes modalidades do exercício da língua num determinado contexto histórico-social de produção.

70

Pêcheux<sup>2</sup> propôs uma teoria da significação fundada em uma compreensão materialista da língua. O autor relaciona língua com ideologia e chama a essa teoria Análise do Discurso.

Trabalha, ainda, com a relação entre uma base lingüística e os processos discursivos. A primeira seria um sistema comum a todos os falantes; já os processos discursivos estariam sujeitos aos aspectos ideológicos que os determinam.

Conforme o autor, os processos discursivos, que se desenvolvem sobre as bases da língua, não são expressões de puro pensamento nem meros instrumentos de comunicação, mas se revestem de ideologia. Nesse processo o discurso acaba sendo ao mesmo tempo estrutura e acontecimento.

Dizemos que o discurso é estrutura<sup>3</sup>, porque usa as formas fixas e estabelecidas pela língua. Como estrutura, a língua é estável e ocupa o plano descritivo.

<sup>1</sup> BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobras*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. p. 19.

<sup>2</sup> PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

<sup>3</sup> Aqui estamos considerando apenas o discurso verbal, mas, na verdade, temos também o discurso não-verbal.

Considerar a língua estrutura é levar em conta os funcionamentos lingüísticos fechados em si mesmos, tais como regras, nomações, léxico etc.

No entanto, fazer uso da linguagem é mais do que isso. É, acima de tudo, percebermos que os enunciados são instrumentos ideológicos capazes de nos revelar as circunstâncias e contextos em que eles são produzidos, bem como qual a situação e as relações sociais, históricas e culturais o uso da linguagem denuncia ou revela. E ao agirmos assim consideramos a língua acontecimento.

A língua como acontecimento está para a instabilidade. E isto justamente ocorre, porque palavras desnudam valores e referências que os sujeitos desenvolvem e difundem em um determinado período histórico. Além disso, a interlocução realiza-se no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta.

Pensar a língua enquanto acontecimento leva-nos a perceber que, nas palavras, há sentidos e significações ideológicas construídas a partir do histórico. Focalizar a língua como acontecimento é concebê-la não meramente como instrumento de comunicação, mas também como produtora de sentidos e significações e reveladora da ideologia. É assumi-la como instrumento ideológico, capaz de sustentar ou substituir valores, sentidos e significações entre sujeitos.

Dessa postura emerge uma concepção de linguagem que permeia todos os estudos discursivos dentro da teoria a que nos filiamos, ou seja, a linguagem caracteriza-se pela atuação de fatores históricos e ideológicos na produção dos sentidos. Percebe-se, assim, que o enunciado não é apenas um mediador entre o ato de fala e eventos restritos em si mesmos, mas é materialização lingüística de contexto histórico.

Com isso compreendemos a língua mais que um ato comunicativo. A língua é, antes de tudo, ato de interação entre locutores. Por meio dela se conta, mostra-se e se descortina o social e o histórico de um povo.

Para Althusser<sup>4</sup> a linguagem é uma das maneiras mais apropriadas para se chegar ao funcionamento da ideologia. A linguagem é o lugar privilegiado em que a ideologia toma corpo; é a materialidade específica da ideologia. E, segundo Brandão<sup>5</sup>,

Para desvendar os dispositivos que a regulam e, por meio da sua materialidade, apreender ideologia, uma lingüística saussuriana não era pertinente. Só uma teoria do discurso poderia dar conta de um objeto complexo que passa a ser concebido não apenas como um componente puramente lingüístico, mas a incorporar algo “exterior” a ele, um componente socioideológico.

<sup>4</sup> ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

<sup>5</sup> BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*, p. 20.

## 2. TERRITÓRIO DO DISCURSO

Isto posto, faz-se necessário demarcar o território, situando a Análise do Discurso como um problema e objeto que se colocou para os lingüistas a partir da dicotomia saussuriana língua e fala<sup>6</sup>. Sem deixar de reconhecer o valor da contribuição de Saussure, logo foram descobertos os limites dessa dicotomia pelas conseqüências advindas da exclusão da fala do campo dos estudos lingüísticos. Restringir a língua a objeto abstrato e ideal que constitui o sistema sincrônico homogêneo, a uma rede de propriedades formais, acabou por criar uma camisa de força para os lingüistas, pois a descrição do sistema, ocupando o tempo do lingüista, relegou a um segundo plano a discussão dessa capacidade humana que caracteriza o humano. Maingueneau<sup>7</sup> afirma

Se nos dias de hoje, a "análise do discurso" praticamente pode designar qualquer coisa (toda produção de linguagem pode ser considerada "discurso"), isto provém da própria organização do campo da lingüística. Este último, muito esquematicamente, opõe de forma constante um núcleo que alguns consideram "rígido" a uma periferia cujos contornos instáveis estão em contato com as disciplinas vizinhas (sociologia, psicologia, história, filosofia, etc.). A primeira região é dedicada ao estudo da "língua", no sentido saussuriano, a uma rede de propriedades formais, enquanto a segunda se refere à linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas. O termo "discurso e o seu correlato "análise do discurso" remetem exatamente a este último modo de apreensão da linguagem".

Continuando o texto, Maingueneau<sup>8</sup> revela que a teoria do discurso defende a tese de que há uma dualidade radical da linguagem, porque ela é a um só tempo formal e atravessada por embates subjetivos e sociais.

Seria, então, o caso de considerar o discurso prática de linguagem em que concorrem, simultaneamente, com o mesmo peso, o lingüístico e o histórico no processo de constituição do sentido. Dizendo de outra forma, podemos afirmar que a materialidade da linguagem que, na maioria das vezes, é sua forma lingüística (dizemos isto porque a materialidade, ou seja, o objeto que nos serve de ponto de análise pode ser uma imagem, um conjunto de imagens, um som, um gesto etc.) é indissociável do processo histórico produtor do sentido. Assim, há uma parte no enunciado que é lingüística, mas há outra não-lingüística que se associa à situação da enunciação a qual passa a ser um componente essencial para a compreensão e explicitação da estrutura semântica de qualquer enunciado.

<sup>6</sup> SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1949.

<sup>7</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1999. p. 11.

<sup>8</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*, p.11.

Ao discurso caberá, pois, operar com a dualidade do lingüístico e do extralingüístico para que se possa obter o sentido. E, pela análise dessa dualidade, chega-se à compreensão do homem e da sociedade.

### 3. CONCEPÇÃO DE DISCURSO

Eni Orlandi<sup>9</sup>, retomando a etimologia da palavra discurso – idéia de curso, de movimento, de percurso –, afirma que discurso é a palavra em movimento, a palavra no mundo. São os homens falando em um dado espaço. Não mais a língua como um sistema abstrato nem tampouco a liberdade individual de cada falante ao utilizar a língua, mas a língua em ação, um processo que relaciona a língua a sujeitos que a falam e que são determinados por ela. As palavras ou frases articuladas produzem significações e ganham sentidos pelos falantes em uma determinada condição de produção é o que constitui o discurso.

O discurso é uma prática que compreende o homem como ser social e histórico. Nessa perspectiva, texto e sociedade encontram-se intrincados, resultando em regularidades enunciativas que constituem os próprios sujeitos e seus textos.

Pela vasta obra de Orlandi<sup>10</sup>, está disseminado o conceito de que discurso é “efeito de sentido entre interlocutores”. Desse enunciado irradiam diferentes conceitos que nos fornecem as diretrizes com as quais podemos operar em uma análise de discurso.

Se o discurso é efeito de sentido entre interlocutores, temos um primeiro dado a enfatizar: a instabilidade. No discurso, o sentido não é um objeto fixo. O sentido não está nas palavras. Ele brota sempre da relação constituída entre interlocutores, a qual ocorre regulada por condições de produção, ou seja, funcionam aí a situação imediata, o contexto de uma situação em especial, e a memória discursiva.

Sem dúvida, os processos discursivos erigem-se sobre a base da língua, entendida como materialidade. A língua, porém, apresenta apenas uma autonomia relativa, uma vez que não é um sistema abstrato, na medida em que se materializa no contato entre o ideológico e o lingüístico, momento em que a materialidade lingüística se encontra com a materialidade histórica. Isso nos leva a firmar que o sentido não está alocado em algum lugar, mas se produz nas relações entre sujeitos e entre sentidos, dentro de formações discursivas e em confronto com outras formações discursivas. Nesse sentido, valemo-nos de Fiorin<sup>11</sup> para destacar um dado importante:

<sup>9</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

<sup>10</sup> Ibidem; Idem. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997; Idem. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004.

<sup>11</sup> FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996. p. 20.

Instável não é desorganizado, caótico, sem qualquer princípio de ordem. Isso seria não-significante. Instável é o que não é fixo, o que não é permanente, principalmente o que muda de lugar. O discurso mostra que certas formas apresentadas pelo sistema como absolutamente estáveis mudam, dadas certas condições (de ordem discursiva, é evidente), de lugar, adquirem novos valores, geram novos significados – enfim engendram o que aqueles que trabalham com o discurso aprenderam a chamar de efeito de sentido. Essa instabilidade, para seguir um princípio da teoria do caos, não é aleatória, mas resultante de certos fenômenos. O estudo da instabilidade exige que se estabeleçam suas condições de realização e as matrizes semânticas dos efeitos de sentido que, num processo de concretização crescentes, vão manifestar-se em cada texto.

Pelo caráter de instabilidade que rege o discurso, vemos que o sentido fica à mercê das formações discursivas. Para Foucault<sup>12</sup>, formação discursiva é “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiriam, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa”.

Orlandi<sup>13</sup> afirma que as formações discursivas “são as diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes”.

74

As formações discursivas são, portanto, as determinantes do sentido. Elas são as responsáveis por um sentido ser X e não Y, pois o sentido não se encontra inseparavelmente ligado às palavras e, por outro lado, estas não são corpos descarnados. As palavras materializam a ideologia, os valores, a historicidade de um falante.

É na materialidade, na forma gráfica e sonora, que se forma o sentido. Há uma pressão do sentido na seleção de determinada forma de dizer. É na forma que a ideologia se manifesta. Qualquer coisa que uma palavra possa significar, está, antes de mais nada, presente no elemento do enunciado. Isso significa que a ideologia toma forma nas palavras. O modo de dispor uma palavra e/ou a escolha de um ou outro recurso lingüístico revelam múltiplos comprometimentos de cunho ideológico. Todo fenômeno ideológico apresenta uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou outra coisa qualquer. Quando as palavras se contextualizam, passam a expandir valores, conceitos, ideologia, pois todo domínio ideológico ganha individualidade e especificidade na interação viva com outros domínios. Segundo Orlandi<sup>14</sup>,

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 136.

<sup>13</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, p. 20.

<sup>14</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, p. 43.

O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (...) A formação discursiva se define como aquilo que numa dada formação ideológica – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.

Como ser essencialmente social, o homem é produto de relações sociais. Age, pensa, reage como membro de um grupo social. O homem está inserido em uma dada formação social que lhe impõe o que pensar. Mas é a formação discursiva que lhe impõe o que dizer. Dessa forma, podemos dizer que as formações discursivas materializam as formações ideológicas. O homem aprende a ver o mundo pela linguagem que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala.

Segundo Pêcheux<sup>15</sup>, as palavras, expressões, proposições, recebem seu sentido da formação discursiva na qual elas são produzidas e representam, na ordem do discurso, as formações ideológicas que lhes correspondem. As mesmas palavras tomam rumos diferentes de acordo com a posição de quem as emprega. Assim, pode-se afirmar que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz<sup>16</sup> e o lugar social que ele ocupa no momento histórico em que fala deixa transparecer seu lugar nessas relações.

Compreender o discurso como “objeto cultural produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos”<sup>17</sup> implica verificar as práticas de linguagem no interior de práticas sociais contextualizadas histórica e socialmente. Essa contextualização ou condições de produção, em um sentido extensivo, inclui todo o processo comunicacional: a produção, a circulação e o consumo dos sentidos.

Segundo Orlandi<sup>18</sup>, as condições de produção compreendem fundamentalmente o sujeito e a situação, e são responsáveis por uma determinada elocução de tal discurso e não outra. As significações externas são a medida que vão colocar em evidência o discurso como o lugar de interação entre o locutor e o ouvinte. Não se trata, contudo, de meras exterioridades, uma vez que não agem de fora como força mecânica, mas entram no enunciado como constituinte necessário à sua estrutura.

<sup>15</sup> PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, p. 43.

<sup>16</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*.

<sup>17</sup> FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise de discurso*, p. 10.

<sup>18</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*.

As condições de produção avisam-nos que há que se considerar todo um entorno ao dizer. Esse entorno envolve as imagens sociais dos interlocutores e a situação em que acontece a comunicação. A significação das frases é definida pelo que as palavras acabam por significar em virtude do funcionamento da língua, segundo as condições históricas e sociais em que esse acontecimento se dá. É essa relação que vai permitir, de fato, a construção de sentidos.

Não podemos considerar que o enunciado tenha um sentido estável, aquele que foi emitido pelo locutor. Ou seja, não é possível dizer que o mesmo sentido será decifrado por um receptor que dispõe do mesmo código e da mesma língua. Se falar fosse simplesmente apropriar-se de um sistema de expressões pronto, não haveria construção dos sentidos. E se a cada fala construíssemos um sistema de expressão, não haveria história. Se assim considerássemos, o sentido estaria de alguma forma inscrito no enunciado e sua compreensão dependeria apenas do conhecimento do léxico e da gramática da língua. Mas a dinâmica do trabalho lingüístico é mais do que isso: ela não é apenas um eterno recomeçar nem tampouco um eterno repetir; a linguagem constitui-se, constitui os sujeitos e revela-nos os procedimentos exercidos pela sociedade sobre o discurso.

A reflexão contemporânea sobre a linguagem revela-nos que o contexto não se encontra simplesmente ao redor de um enunciado que conteria um sentido parcialmente determinado o qual o destinatário precisaria apenas identificar.

76

Com efeito, todo ato de enunciação é assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir das indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que a reconstrução coincida com as representações do enunciator.

Assim, compreender um enunciado não é somente referir a uma gramática e a um dicionário; é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável. Fora de um contexto, não podemos falar realmente do sentido de um enunciado.

As condições de produção – interlocutores, situação, contexto histórico-social, memória discursiva – constituem o sentido da seqüência verbal produzida. Não são apenas as palavras e construções que significam. O lugar social do falante e do ouvinte, o lugar social da produção do texto, sua forma de estruturação, cooperam decisivamente para a obtenção de um efeito de sentido. Dessa forma, os interlocutores, o quadro institucional, as condições sócio-históricas, a expressão do sujeito face a outro, são determinantes para se compreender o funcionamento discursivo, pois é na interação desses elementos que se pode caracterizar esse funcionamento.

Nas condições de produção entram o contexto histórico imediato (ligado ao momento da interlocução) e o contexto mais amplo (ideologia). Sendo o contexto constitutivo, qualquer variação relativa às condições de produção é relevante para a significação.

Estabelece-se, na situação de produção, a historicidade do discurso, ou seja, o contexto histórico, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro. Uma análise do contexto de produção fornece dois tipos de informação: imagens mútuas sobre as quais o locutor constrói seu discurso e os atos a que visa com a realização deste. Isso torna patente o papel do locutor como agenciador do discurso, mas também assinala o papel que tem o ouvinte no próprio agenciamento do discurso, o que quer dizer que é do tipo de relação entre locutor e ouvinte que decorre o tipo de ação a ser empreendida pelo locutor com seu discurso.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de linguagem é uma atividade interativa, ação interindividual que possui uma finalidade orientada na medida em que é um espaço que possibilita aos homens a prática dos mais diversos atos e intercâmbios que vão produzir compromissos, ações, reações, vínculos antes inexistentes.

A língua não está de antemão pronta. A língua não é um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas. A língua é mais do que isso, porque a cada ato interlocutivo, em qualquer atividade de linguagem, a língua se reconstrói. Essa reconstrução obedece a limites impostos pela formação social e, ao mesmo tempo, constrói limites novos.

Nesse processo, surge o discurso como uma prática que nos possibilita compreender a linguagem como fenômeno que situa o indivíduo dentro da história e da sociedade. O discurso é uma prática em que teoria e métodos estritamente lingüísticos se combinam com os das outras ciências humanas e sociais, caracterizando um campo multidisciplinar. E com isso, a teoria do discurso abre portas para o indivíduo se situar, a partir do conhecimento da linguagem, em face da área de conhecimento em que ele atua.

#### REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de análise de discurso*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1999.

Mírian dos Santos

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura e acontecimento*. Campinas: Pontes, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1949.